

Exorcismos e Exorcistas em Macau

Sobrevivência de Antigos Rituais

ANA MARIA AMARO*

A prática dos exorcismos é muito antiga na China. Tanto os bonzos tauistas como os budistas, e ainda alguns letrados confucionistas, eram frequentes vezes chamados para exorcismar alguém. Aliás, os exorcismos confucionistas eram, nos antigos tempos, considerados os de maior poder, de acordo com a seguinte associação de ideias: considerando que o próprio Imperador representa na Terra o *Dao* 道 (o Absoluto da filosofia tauista) e o caminho para o *ren* 仁¹ da ética confucionista, sendo a fonte de todo o Bem contra a origem de todo o Mal, necessariamente o Filho do Céu também será, na sua própria pessoa, um exorcista. De facto, bastas vezes, ao longo da história da China, o imperador interveio com o seu poder concedido pelo *Alto* para livrar o povo de grandes calamidades.

De acordo com esta ideia, os altos funcionários, mandatários do imperador, podiam actuar também, regionalmente, em nome daquele, intimando os “maus espíritos” a desistirem das suas más influências e ameaçando-os com grandes penalidades.

* Professora catedrática jubilada do ISCSP/UTL (Lisboa) onde exerceu docência de várias cadeiras da Licenciatura em Antropologia e Mestrados. Actualmente exerce a docência de cursos de Pós-graduação e é Directora do Centro de Estudos Chineses do ISCSP/UTL, cargo que exerce desde 1998, e professora de Instituições Culturais da China do Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas. A principal área científica a cujo estudo há cerca de quarenta anos se dedica é: China / Sudeste Asiático / Macau. Outras áreas científicas de interesse são Filosofia, Medicina Tradicional Chinesa e História Comparada das Religiões das Civilizações Asiáticas e Relações Interculturais (ocupação dos ócios – jogos e outros lazeres).

Ana Maria Amaro is a Professor at ISCSP/UTL (Lisbon), where she taught several subjects pertaining to the Anthropology course, and Master's degrees. Today she teaches at post-graduate level, and has been the Director of the Centre for Chinese Studies at ISCSP/UTL since 1998. She also lectures on the Cultural Institutions of China in the Studies in Chinese Language and Culture course. She has devoted over forty years of her career to research on China, Southeast Asia and Macao. Other fields of academic interest are: Philosophy, Traditional Chinese Medicine, Comparative History of Religions of Asiatic Civilisations, and Intercultural Relations (occupation of spare times – games and other leisure activities).



O povo admitia que os “espíritos malignos” receavam essas penas e era, por isso, que um cartão de visita de um mandarim ou um papel com o seu selo era considerado um poderoso talismã e ao mesmo tempo um demonífugo capaz de exorcismar as más

influências que, porventura, entrassem numa casa ou numa pessoa, provocando-lhe grandes infortúnios ou misteriosas moléstias.

Este poder, ao que hoje se crê, está, também, associado ao aspecto mágico atribuído pelo povo à própria escrita cujo conhecimento, na China arcaica, estava limitado a um pequeno número de eleitos.

Tal era considerado o poder da escrita contra as forças do Mal que a acção exorcista estendia-se ao próprio pincel usado por um letrado. Por exemplo, um destes pincéis, colocado sobre o abdómen dum doente, podia produzir a sua cura. Dantes, também o povo mais crédulo ingeria, com água quente, os cartões de visita dos magistrados, reduzidos a cinzas, como se fossem um verdadeiro *fu* 符, isto é, um tipo de amuleto que, ao que se crê, foram inventados por Zhang Tianshi 张天师, o primeiro patriarca tauista, considerado o expoente máximo dos exorcistas chineses.

Com igual função de esconjuro eram procurados cartões deste tipo para acompanhar as noivas nas suas cadeirinhas no dia do casamento, quando se dirigiam a casa dos noivos, para evitar que fossem molestadas por qualquer “mau espírito” e perdessem a sua virgindade.

Pincéis antigos, manuscritos de estudantes por eles apresentados nos exames oficiais ou pincelados como exercícios para aqueles, livros clássicos e em especial de doutrina tauista, e até folhas rasgadas destes livros eram usados também, noutros tempos, nas aldeias chinesas, como demonífugos defensores da saúde e da felicidade e igualmente como remédios, uma vez reduzidos a cinzas.

Esta última utilização corresponde à antiga ideia de que a doença resulta da acção de um “mau espírito” que se introduz ou que actua no corpo de alguém e que as cinzas dum demonífugo têm poder exorcismático uma vez ingeridas.



Bonzos tauistas numa cerimónia fúnebre. In José Neves Catela, *Memórias Reveladas*, Macau, FCDM / CMMP, 2001.

Esta fé no poder dos livros clássicos como esconjuro é, aliás, muito antiga na China, pois consta de documentos datados da dinastia Han 漢 (século III a.C. - século III d.C.).

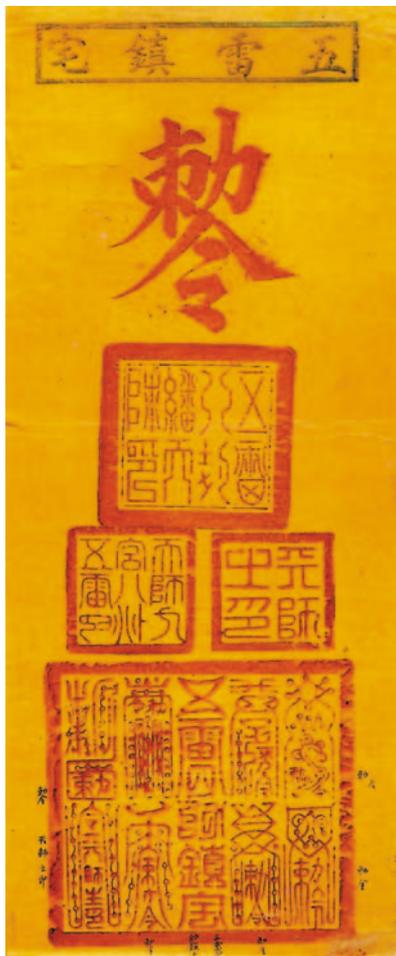
Por isso mesmo, só os letrados, pelo poder que o domínio da linguagem escrita lhes conferia, se atreviam a permanecer em lugares escuros onde os “espíritos do mal” são considerados mais perigosos. Considerava-se, também, que a sua imunidade seria acrescida se recitassem frases de Livros Sagrados² que sabiam de cor.

Em Macau, os luso-descendentes filhos-da-terra ainda nos anos 1960-70, em percentagem considerável, temiam o chamado “bagate”, crença que ainda subsistia nos grupos etários mais elevados em 1991-92.³

Uma forma de “bagatear” alguém⁴ consiste em introduzir-lhe no corpo um *gui* 鬼 (*kwai* em cantonense) ou “alma erradia”. Essa prática, por analogia com a magia ocidental, poderia ser considerada “magia negra”, embora, à luz das concepções orientais, se possa aparentar com “magia simpática”, porquanto se pode fazer e quase sempre se faz, em presença dum fotografia da pessoa visada.

Este tipo de “bagate” só pode ser anulado por meio de rituais muito semelhantes ao que, no Ocidente, é considerado esconjuro ou exorcismo.

ANTROPOLOGIA CULTURAL



“Que os cinco trovões protejam a casa. Ordem”.

Os exorcismos são práticas que remontam à mais Alta Antiguidade, encontrando-se espalhados por toda a Terra.

Nos velhos rituais mesopotâmicos incluíam-se, já, os “encantamentos” e as “manipulações” como formas esconjuratórias. Considerava-se, relativamente a estes dois factores de magia, que o nome duma pessoa ou coisa, pronunciado ou escrito, tal como o gesto, podiam actuar por contágio ou analogia. Eram, por isso, frequentemente usados para esconjuros entre estes povos, a par dos amuletos e dos encantamentos, já atrás citados.

Nestas práticas nomeavam-se primeiro os “génios”, descrevendo-se a sua natureza e poderes, do que resultava ficarem aqueles à mercê do sacerdote que os invocava. Seguiu-se a “maldição”, em nome dos deuses, acompanhada de litanias e refrães, nos quais se invocavam o “Espírito do Céu” e o “Espírito da Terra”

além de outros, à medida que se davam pancadas no local que o sacerdote marcara como sede do “Espírito Maléfico” ou “Génio Malfazejo”. Por fim, procedia-se ao ritual, seguindo-se complexas prescrições tradicionais. Todo o cerimonial era acompanhado por música de harpas e percussão de tamborins. Para evitar o retorno do “mau espírito”, o paciente deveria passar a usar amuletos, geralmente escondidos, que tinham a forma de pequenos cilindros de barro ou de pedra com símbolos esconjuratórios gravados. Nesta prática, magia e religião estavam, como se vê, estreitamente ligadas e confundidas.

Na Mesopotâmia tal como na China Arcaica, era principalmente a Astrologia que desempenhava um papel político importante, porque nenhum empreendimento se fazia sem se consultarem os astros. Aliás, as práticas de esconjuro mesopotâmico atrás descritas são, curiosamente, muito semelhantes às práticas dos exorcismos do tauismo popular dos chineses que ainda se praticavam em Macau nos meados do século XX.

No caso de doença provocada por espíritos, durante os exorcismos ou esconjuros da Suméria eram recitadas fórmulas mais ou menos complexas e depois aplicados remédios, alguns deles muito repugnantes, cujo papel devia consistir, talvez, em afugentar o espírito causador do mal, enauseando-o.⁵

Para os persas, o Universo constituía um “campo de batalha” onde se degladiavam os princípios do Bem e do Mal acompanhados de milhares de “génios”.⁶ Cada doença era produzida por um destes “génios”, consistindo, pois, o diagnóstico em averiguar qual a terapêutica específica para contrariar a sua acção.

Os “magos” que exerciam a arte médica dividiam-se, então, em três categorias, como, de um modo geral, ainda hoje entre os povos da Eurásia se podem encontrar: os que faziam esconjuros, os que ministravam mezinhas, os cirurgiões ou endireitas.

Naquela altura, os “magos” do primeiro grupo eram, entre os persas, os mais importantes.

Tal como durante a Idade Média a própria medicina sacerdotal o fez na Europa e ainda hoje sucede entre o povo, as benzeduras eram, também, sobremaneira estimadas.

No *Zend-Avesta* pode ler-se: “Se muitos médicos se apresentam, um que trate pela faca outro pelas plantas, outro pela palavra divina, este será o que melhor curará entre os que curam.” A prática deste

último consistia, afinal, em exorcismar os Espíritos do Mal para que abandonassem o doente ou pedir a intervenção dos Espíritos do Bem. Estes esconjuros dos antigos persas, são, aliás, práticas de todos os tempos e comuns a todos os povos.

Uma vez que um “espírito” entre numa pessoa, quer seja um *gui* quer uma entidade abstracta, noções que se confundem entre a população de Macau, onde diferentes culturas deixaram traços marcantes, pode provocar diferentes doenças; porém, as principais consistem num “lento definhar” ou na “loucura”, podendo passar pela histeria ou pela epilepsia.

Algumas ideias sobre a possessão e sobre o valor dos exorcismos, que perduraram entre a população portuguesa de Macau, se, por um lado, revelam a influência das concepções chinesas, revelam, por outro, as concepções dos próprios padres católicos características da Idade Média, mas que em Macau vingaram durante todo o século XVII e pelo século XVIII adiante, operando curas maravilhosas e logrando mesmo impor-se igualmente à crédula população chinesa como consta das Cartas Anuas dos padres jesuítas.⁷

Segundo J. Le Goff (1983),⁸ eram consideradas na Europa medieval diferentes categorias de loucos:

- “Furiosos e frenéticos”, cujo tratamento era tentado ou que, mais frequentemente, se fechavam em hospitais especiais, como, por exemplo, o de Bedlam em Inglaterra, que ficou famoso nos finais do século XIII;
- “Melancólicos”, cuja bizarria era, por vezes, também física e relacionada com os “humores malignos”, mas que precisavam mais dum padre do que dum médico;



Mural da dinastia Yuan (1271-1368) no Yongle Gong (Templo da Eterna Felicidade), famoso templo tauista em Ruicheng, Shanxi.

- A grande massa dos “possessos”,⁹ que só o exorcismo poderia libertar do seu perigoso hóspede: o “Maligno”.

Em Macau, o respeito pela loucura resultante da possessão levou, certamente, à crença nas curas miraculosas por meio do esconjuro e da água benta. Possivelmente, certas doenças do foro neurológico e psicológico teriam sido tratadas, assim, com êxito, mercê duma psicoterapia social ou de grupo, com notável valor, o que mais fortalecia a crença na eficácia do processo exorcismático.

O episódio bíblico de Jesus expulsando uma legião de demónios dum endemoninhado gadareno (São Marcos, 4, 5)¹⁰ revela a antiguidade da crença no valor dos exorcismos entre os hebreus e a razão da perpetuação de tais práticas entre os cristãos, práticas que chegaram aos nossos dias. Acerca do valor dos exorcismos realizados por um padre católico, uma

ANTROPOLOGIA CULTURAL

senhora de Macau, ainda não muito idosa e duma classe social elevada, afirmou-nos que, “no caso de ser o exorcismo feito por um padre pouco virtuoso, o doente, em transe, declararia, em público, toda a vida privada do exorcista”. Por isso, nem todos os sacerdotes se atreviam a exorcizar.

E a verdade é que esta prática continua a gozar do favor de muitas pessoas quer dos meios rurais quer mesmo dos urbanos.

Em 15 de Fevereiro de 1986 foi difundida, pelos órgãos da comunicação social, a notícia de que, “na sequência dos muitos pedidos de exorcismos, tinham sido nomeados exorcistas pela Igreja italiana, para ‘expulsar o Demónio’, pelo qual muitos fiéis se diziam possuídos”.

Na mesma data o Padre Dr. António Rego, entrevistado pela RDP (Antena 1) sobre a prática de exorcismos nos nossos dias, afirmou que a “nomeação dos ditos exorcistas pelo Arcebispado de Turim era uma medida prática e funcional exigida pelo quotidiano”. No dizer daquele eclesiástico “a prática de exorcismo foi exercida por Cristo há 2000 anos. E, aliás, hoje, a Igreja considera que a Ciência tem muito a dizer sobre vários assuntos, mas há muitas coisas que não consegue explicar. A possessão diabólica por práticas satânicas não está excluída pela actuação científica”. Segundo o mesmo padre “é preciso compreender: é um caso de auxílio a pessoas psiquicamente afectadas neste momento. Quanto ao facto de haver pessoas preparadas para exercer este mister, a Igreja não vê nada de negativo nisso”.

Acerca dos exorcismos, a Igreja esclarece ainda que, nestas práticas, não se atribui ao Demónio qualquer tipo de superioridade.

Segundo São Marcos (capítulo primeiro dos Evangelhos), Cristo expulsou um “espírito imundo” do homem que vociferava contra Ele no Templo, prática que depois repetiu e cujo poder comunicou

aos seus discípulos (Mat. 10, 1; Luc. 9, 1; Marc. 6, 12-13).

A prática do exorcismo, depois dos Apóstolos, continuou através dos tempos, mantida pela Igreja e surgindo como o símbolo do Catolicismo vencedor do Demónio – o “Anjo Caído”, o “Senhor das Trevas”, o “Espírito do Mal”. Aliás, o sinal da cruz era considerado bastante para o afastar. Ficou na História e na lenda o Milagre de Sto. António, numa das escadas da Sé de Lisboa. Ali pode ver-se, ainda, a

mais ou menos delida marca duma cruz, por ele traçada na pedra, para afastar Lucifer, que lhe apareceu numa escada daquele templo para o fazer cair em tentação.

Antigamente, os sacramentos menores podiam ser inventados pelos Bispos, mas o Código Canónico actual reserva essa faculdade ao Sumo Pontífice (Cânon 1145). Contudo, este nome de “prática sacramental” que abrange os exorcismos remonta apenas ao século XIII e

refere-se a “coisas ou acções que a Igreja costuma usar imitando algum Sacramento para alcançar, por sua impetração, efeitos sobretudo espirituais” (Cânon 1144). No século XVIII incluíam-se nesta rubrica “Cruz, água, nomen, edens, ungens, benedicens”, mas o novo Código menciona apenas como “sacramentais” as consagrações, as bênçãos e os “exorcismos”, não sendo Sacramentos, senão por extensão, as procissões, as exéquias, a esmola (por amor de Deus) bem como a confissão geral.

Na sua forma actual, os exorcismos são fórmulas ou actos que a Igreja manda empregar para expulsar o Demónio das pessoas, das coisas e dos lugares. Se bem que no princípio da Igreja qualquer cristão pudesse exorcismar, segundo a fórmula de S. Marcos *in nomine meo daemonia ejicient*, no século III passou a ser reservada a uma ordem especial chamada dos “Exorcistas”. Actualmente só os sacerdotes com licença do Ordinário do lugar (Cânon 1151) podem fazê-lo.



CULTURAL ANTHROPOLOGY

Os chineses, tal como os ocidentais, admitem a possessão e o valor dos esconjuros sempre que um *gui ru shen* 鬼人身, isto é, um “espírito entre no corpo”.

Para os grandes mestres tauistas, equiparáveis por alguns sinólogos aos ecologistas, ou melhor, naturistas místicos ocidentais, a magia é uma imitação sistemática da Natureza. E isto porque faz variar arbitrariamente as condições de realização dos processos naturais, podendo conduzir à procura de fenómenos físico-químicos, através de métodos de alquimia experimental.

O período áureo do tauismo na China estendeu-se do século III a.C. ao século VII d.C. Das “Cem Escolas” do período dos Reinos Combatentes (220-285), o tauismo era a mais próxima da Natureza favorecendo, por isso, o desenvolvimento da medicina e da farmacopeia com base nos elementos naturais.

No entanto, posteriormente, as práticas tauistas degeneraram em fantasiosos passos de magia, dos quais o exorcismo é o mais espectacular.

Para os chineses de Macau e para muitos filhos-da-terra, como já se disse, a crença nos *gui* ou “espíritos errados” ou “famintos” é obsessiva. Nada há que mais aterrorize um chinês do que um *gui* pedindo desforço. Daí, terem surgido seitas budistas votadas, apenas, ao culto dos “espíritos errados”, seu apaziguamento e esconjuro.

Além destes bonzos são os tauistas os mais procurados, sendo, aliás, muito diferentes as suas técnicas.

A diferença que existe entre uma “benzedura” e a “magia simpática” consiste, apenas, no oficiante. No primeiro caso, esse é, sempre, um especialista, um bonzo ou grupo de bonzos, ou uma mulher de virtude, que serve de *medium* e que incarna uma divindade invocada pela consulente ou em seu nome. A “simpatia” é uma espécie de benzedura secularizada. Qualquer pessoa pode realizá-la. O povo crê que a “simpatia” cura, protege e previne. É um ritual acompanhado de mímica e de rezas especiais. Por vezes, as palavras não têm sentido e as frases parecem não ter qualquernexo. Porém, foi a tradição que as consagrou e a experiência revelou que são eficazes. São exemplos destas práticas o “balouçar do porquinho” de Macau¹² e as rezas contra quebranto ainda muito frequentes em Portugal.

Numa destas sessões a que assistimos em Macau nos anos 1960, num oratório budista do Bazar, vimos

inexplicavelmente água a ferver numa redoma de vidro colocada sobre uma mesa de sacrifício, precisamente à meia noite do último dia do período de rezas dedicado ao apaziguamento dos *gui*.

As benzeduras e as invocações não podem ser transmitidas a qualquer pessoa. No caso das *pai shen po* 拜神婆 (*pai san po*) os respectivos poderes são mesmo intransmissíveis. No caso dos bonzos, as práticas fazem parte da sua aprendizagem.

Porém, a “simpatia” pode, pelo contrário, ser transmitida em qualquer altura e por qualquer pessoa, a outra, sem que qualquer mal daí advinha e sem que a prática ganhe ou venha a perder nos seus resultados.

Os Oito Imortais. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Zhongli Qian, Lu Dongbin; Li Tieguai, Zhang Guolao; Lan Caihe, Cao Guojiu; Han Xiangzi, He Xiangu.



ANTROPOLOGIA CULTURAL

A mais importante prática da medicina mágica por “simpatia” em Macau é a defumação das crianças contra o “mal de susto”, o “balançar do porquinho” atrás referida, sendo a mais frequente “benzedura” o exorcismo.

Contudo, na China Imperial e mesmo depois da implantação da República, eram os bonzos tauistas os mais procurados para este fim, tanto pela população

Capa de um *Tong Seng* para o corrente ano.



rural como pela urbana, tal como sucedia em Macau ainda nos meados do século XX.

A magia de que se impregna o Tauismo consiste quase sempre no recurso à análise dos astros e sinais fornecidos por estes (*magis astrologica*). E é por isso que nenhum chinês deseja que seja conhecido o dia e hora exactos do seu nascimento. E isto porque à consulta das “tabelas astronómicas”, que permitem horóscopos individuais, podem seguir-se as preces para que os espíritos protectores da região permitam a alteração no curso dos acontecimentos, prejudicando a vida das pessoas a quem se pretende fazer mal. Além destas preces, tanto budistas como tauistas, praticam rituais exorcistas tal como os padres católicos e quase todos os feiticeiros e sacerdotes das mais diversas civilizações espalhadas pelo Mundo. É em casos como estes, por exemplo, que se põe em dúvida e se discute até que ponto magia e religião se confundem, ou qual é a real fronteira entre elas.

A Luís Gonzaga Gomes¹³ deve-se uma pormenorizada descrição dos exorcismos realizados pelos bonzos tauistas em Macau, descrição que a seguir se transcreve:

“... Se se trata de uma forma benigna exorcisma-se abanando o paciente com um almanaque (*Huang li* 黄历 ou *Tong Seng* 通胜, nome local) ao mesmo tempo que se recita o seguinte conjuro:

Fei - lói - fân
Tchóng - lói - fan
Tchóng - sân - tch'ák - kâu - fân
Tch'át - tchau iáp - ié fan
Kái - t'àu lou- mei fân
Kâp - fân mân- fân
Tông - fóng fân
Nám - fóng fân
Sài - fóng fân
Pâk - fóng fân
Si - fóng fân sán
Tch'òk - hei, tch'òk- hei

Isto é:

“Espíritos malignos que aqui adejam para te incomodar,

Demónios que vagueiam em volta,

Almas de casas novas e de casas velhas que vão ser arrasadas,

Malévolos espíritos da manhã e da noite,

Espectros sujos das entradas das ruas e das saídas das estradas,

CULTURAL ANTHROPOLOGY

Criaturas imprudentes e madraços do mal,
Demónios do leste,
Belzebus do sul,
Gnomos de oeste,
Diabos do norte,
Malignos espíritos de todas as direcções,
Dispersai imediatamente, desaparecei sem demoras.”

Acabado o esconjuro, coloca-se o almanaque voltado ao contrário no edículo de Tu Di 土地 (Tou Tei em cantonense), o Espírito tutelar do Solo, que, por este acto, terá de presumir que foi invocada a sua protecção e, por isso, não deixará de remover, do corpo do possuído, todas as influências nefastas que o estão a afligir.

Ora, desde que os exorcistas possuam tão grandes poderes que lhes permitam controlar as vontades dos espíritos invisíveis, não é de admirar que os bonzos tauistas gozem de certa consideração no meio social chinês e que a magia seja respeitada e, por muitos, mesmo venerada.

Por este motivo, não há cidade ou aldeia chinesa que não tenha o seu *nán mu lao* 南无佬 (*nám-mou-lou*) ou *nán mu xian sheng* 南无先生 (*nám-mou-sin-sâng*), isto é, o “mágico tauista”, bem como, a sua *shen po* 神婆 (*san po*) ou *wen xiang po* 问香婆 (*mân-héong-po*) – termos de Macau –, termos impropriamente traduzidos por bruxa ou feiticeira, que são constantemente consultados e chamados para esconjuros dos “espíritos maléficos que povoam a terra, o ar e a água”, com o fim de perturbarem o sossego dos mortais, quer causando-lhes doenças, quer transtornando-lhes os seus negócios ou mesmo a vida conjugal.

“Além do exorcismo, recorre-se muitas vezes aos serviços destes adivinhos para desvendar certos casos de impossível explicação, como sejam os desaparecimentos de objectos preciosos, ou para, em desafronta de sevícias recebidas, fornecer elementos que sirvam para prejudicar um terceiro, ou ainda para, por meio do mesmerismo, efectuar curas miraculosas [...]

Aos tauistas são atribuídas, aliás, outras formas de exorcismo. De facto são estes os bonzos mais procurados para este fim porque são os profissionais que agem com maior aparato. Alguns apenas sopram sobre os pacientes, outros agitam e perseguem os maus espíritos com hissopes de salgueiro, enxota-moscas ou simples ventarolas de folha de palmeira. Espectro



Representação popular de Tu Di (Deus da Terra), em traje de mandarim.

que seja exorcismado por um tauista nunca lhe resiste e acaba, sempre, por lhe cair aos pés pedindo-lhe perdão.” (Luís Gonzaga Gomes, 1952).

Manuel da Silva Mendes descreveu, também, como se segue, um esconjuro para tratamento de febre tifóide, que se considera causada por “espíritos do frio”¹⁵ e que, a seguir, transcrevemos:

“O bonzo tauista devidamente paramentado vai esconjurar os diabos do frio para que deixem a sua vítima. [...]

Primeiro os espíritos de todos os vulcões do Oriente, depois os espíritos das grandes rodas de fogo do sul, depois Cheng Wu o verdadeiro fogo, o fogo em pessoa; por fim os licornes do fogo do centro, que queimam sem dó nem piedade todos os diabos que estiverem ainda na casa.

Este esconjuro termina por estas palavras: ‘Dragão de fogo, sus, coragem, corta o pescoço a todos os diabos que ainda por aqui estiverem; apaga todos os vestígios de febre nesta casa; restitui ao doente a saúde, a paz, a felicidade! Amen’. E em seguida recebe boa espórtula.” (M. da Silva Mendes, 1949).

Em casos menos graves não se chama o bonzo. Compra-se um papel (amuleto) com os esconjuros escritos – os tão celebrados *fu*, pincelados ou

ANTROPOLOGIA CULTURAL

xilografados em papel vermelho ou amarelo com auspicioso cinábrio neste último caso. Este papel pode colar-se na parede, reduzir-se a cinzas em caso de doença ou dobrar-se em forma de triângulo e usar-se pendurado ao pescoço ou preso na roupa por meio dum alfinete.

Há autores que admitem que o uso dos panchões (“estalos da Índia”) é também uma prática mágica, uma espécie de esconjuro, uma vez que se destinam a afastar os maus espíritos existentes num determinado local.

W. F. Meyers (1869-70)¹⁶ considera que a intenção original dos chineses ao criarem estes ruidosos panchões foi imitar o estalejar do bambu a arder, que acreditavam ter a virtude de afastar certos demónios que admitiam ser os causadores de febres intermitentes nos habitantes das regiões pantanosas da China Ocidental.

N. B. Dennys (1876)¹⁷ sugere que, podendo ser esta a origem dos panchões, estes ter-se-iam tornado num bom profiláctico, empiricamente usado e seleccionado positivamente pela experiência de muitos séculos. Actualmente, são usados apenas como sinal de regozijo por ocasião das grandes festividades, nos casamentos, inaugurações de lojas e para saudar alguém importante que chega ou parte. No fundo, porém, mantém-se, de certo modo, a crença mágica de que serão afastados, assim, os “espíritos do mal” que podem prejudicar as pessoas em causa. Por isso, quando uma fiada de panchões começa a estalejar e, de repente, pára, não chegando ao fim, tal acontecimento é considerado um mau presságio. A ideia do exorcismo fica assim ligada, de certo modo, ao estalejar ruidoso e alegre dos panchões, particularmente queimados em Macau, de dia e de noite, durante as festividades do Ano Novo Lunar.

Queimar panchões tornou-se, assim, uma prática paralela ao estalejar dos foguetes nas festas e romarias das aldeias portuguesas, mas com um significado que, nos nossos dias, é bem diferente mas que, no fundo, é uma forma de exorcismar as más influências.

Sendo os exorcismos correntes entre o povo chinês quando os primeiros missionários chegaram à China, não admira que tenha sido esta uma das práticas que, indirectamente, lhes facilitou a sua aceitação.

Pela leitura das Cartas Ânua dos Jesuítas, já atrás citadas, pode concluir-se a grande importância que as “curas prodigiosas” feitas por meio de rezas e água benta tiveram na sua acção missionária.

Na sua Ânua de 1616,¹⁸ os padres jesuítas referem-se à doutrina feita nos hospitais e no Tronco, e afirmam que “Nosso Senhor tem nela (cidade de Macau) obra por intercessão de Nosso Santo Padre Inácio por meio do qual tem N. Senhor livrado algumas mulheres do perigo dos partos. Estando hum menino de idade de dous ou três anos muito mal com hua tosse que o hia consumindo e tendo já tomado muitos remédios sem nenhum lhe aproueitar mando o pay pedir a este Collegio hum relicário de reliquias do Santo que aqui está guardado para semelhantes necessidades em a pondo no menino doente logo dali por diante começou a melhorar e sarou de todo com muita alegria dos paes.”

Na Carta Ânua do Colégio de Macau, de 1620¹⁹ diz-se que, durante os partos, encomendando-se as mulheres ao Beato Santo Inácio e pondo ao pescoço a sua firma, que naquele colégio tinham 17, ficavam livres de perigo. A uma mulher dum nobre da Cidade. inchou-lhe, depois do parto, o corpo todo, e estava “muito afligida e desconsolada e como lhe não aproveitassem os remédios humanos, procurou os divinos e foi pedir ao celestial médico que por interceção do Sto. Pe. Ignacio, cuja devota era, a livrasse daquela enfermidade, em aplicando a firma do Santo a olhos vistos se foi diminuindo a dita inchação e em breve tempo ficou sã dela. A esta mesma mulher inchou hum peito com três buracos os apostemas não fechavam e não saia leite e o peito inchava e por mais que se fizesse não se curava e purgava delas. Não podia mexer o braço. A parteira e outras pessoas foram de parecer que se lhe aplicassem mezinhas por cuja virtude o leite saísse ou recolhesse. A mãe sabendo, disse que tinha maior confiança na obra do Beato Pe. Ignacio que em quantos remédios havia no mundo. Pediu a saúde ao santo e sarou como da vez anterior por virtude da sua firma.”

Em relação aos chineses, há uma grande lista de curas maravilhosas igualmente registadas nas Ânua dos padres jesuítas. Na Ânua de 1652²⁰ afirmam: “No Reino da China foge o diabo da água benta como da Cruz.” Ao longo dos tempos, aliás, foram dezenas as curas miraculosas que registaram nas suas Ânua. Das curiosas descrições que assim nos legaram extraímos algumas que, a seguir, transcrevemos, a título exemplificativo:

“Entrou o Diabo em hua gentia de pouca idade com os efeitos q costuma os Pays gentios,

CULTURAL ANTHROPOLOGY

determinarão Chamar o Padre logo o Diabo disse: Vós chamais gente da Igreja, o de Grande Senhor pois ja me vou e assi não tornou mais, vindo o Padre catequizou a todos os daquela casa, e receberão o Santo baptismo”.

“Outra gentia mais molestada destes inimigos invisíveis teve noticia da ley de Deos, e soube como prohibe adorar pagode cheya de zelo, logo se arremessa aos q tinha em casa, a hus queimou, a outros fez em pedaços; no mesmo ponto se sentio livre dos Demonios, que erão três, e forão-se recolher, e entrar em tres molheres vesinhas fazendo grandes queixas da Catechumeno; que recebo o Santo baptismo”.

“... Hua molher grave 13 annos avia q era affligida do Demonio; via os de casa como tigres, e assi sempre que se andava escondendo. Como era nobre, e de Pays ricos não ouve superstição, q não fizessem, nem feiticeiros, q não chamasse nada aproveitava. Ouvio da Ley de Deos dezejou myto recebello nunca lhe quiserão dar licença Pays, e Marido, antes como gentios aversos disserão muyto mal da Santa ley, e dos que apregavão: e para lhe meter mais medo, acrecentarão, q o Emperador mandara aos Mandarins, q os Matassem. Não se esfriou esta Senhora com semelhantes dittos, antes se acendeo em mayor amor de Deos e dizia q ja folgava de ser Christa para morrer com os mais Christãos per fe de Chrysto. Ja não fazia reverencia cos pagodes por mais q a molestassem os seus dizendo que adorasse os Demonios de quem tanto mal recebo. Teve modo para um Christõ lhe dar as Santas Imagens, com q grandemente se chegou, e começou logo melhorar; o porque lhas tomou, e recebo e totalmente lhe tirou as esperanças de ser Christã. Tomou tal sentimento darribar destas couzas a filha, q se lançou em hum poço com a cabeça para baixo, no ponto que hia cahindo, soou hua voz q dizia sequessee nagoa. Achou no fundo assentada sem trabalho algum nem dor. Tirão-na e admirados de tal maravilha, dam-lhe licença para ser Christã mas hinda dessimulando, e passando o tempo: disse a cathecumena vereia q não comerey jamais ate morrer, ou ser christa. Rendidos os gentios chamarão o Padre baptizouse, sentiose Livre do Demonio, mas dizia q ainda lhe ficava no peito hum ardor, que a abrazava, deu-lhe o Padre hua reliquia de nosso Santo Patriarcha Ignacio: applicou-a, e logo o ardor foi para outra parte, mas hindo em seu alcance com a Santa Reliquia totalmente ficou sam. Na noite seguinte lhe appareceu

nossa Senhora com o seu Minino nos braços, e mostrando-lhe hum Diabo, disse este he o q te molestava [...] tinha o demónio preza por hua cadea de ferro hua gentia, e no pescoço se lhe via hum grande vergam da cadea, baptizouse ella e depois de Aguas insistencias do inimigo, fazendo-lhe o Padre os exorcismos o deixou de todo e desapareceu o sinal do pescoço”.

“... Andando o Padre em Missam entrou em hum lugar onde não avia ainda noticia da ley de Deos, no principio encontrou hum lavrador, q se queixava dos trabalhos que o Demonio lhe dava ha hua sua filha de idade de 13 anos ao lavrador e lhe disse, q tinha singular mesinha para aquella doença: alegrouse o home muyto, e levou o Padre a sua casa, achou a Moça sem falla tolhida de pes e maos, lançou agoa benta, e disse ao Diabo, q se fosse. Logo tornou ansi a moça; o Padre pergou a todos a ley de Deos. Na noite seguinte tornou o demonio posto no tecto da casa acenava a enferma o seguisse, deceo e posse ao pe do leyto; o Pay conforme a ordem q o Padre lhe deixara lançou agoa benta, e logo o Diabo fugio, por tres vezes veyo, e tantas se tornou. Pela manhã foi o lavrador avizar o Padre, neste tempo se apoderou o demonio da Moça e a deixo como morta; chegou o Padre Mandou tirar do aposento os pagodes, collocou a Santa Imagem veyo a enferma todo o rosto com mordeduras como de cam, começou os exorcismos, fallava tanto o Demonio, que estorvava o Padre mandou lhe q callasse calou não se querer ir, tornou o Padre a resar os exorcismos; e antes de acabar se foi o Demonio, ficando a Moça em seu perfeito juizo, adorou o Salvador e com todos os seus recebo o Sagrado baptismo.”

Estas descrições parecem em contradição com o saber actualizado dos médicos e boticários jesuítas e com a riqueza dos seus hortos e boticas, mas a verdade é que se impunha, para a conversão dos gentios, realizar as curas como consequência da acção Divina, aliás dentro do espírito da época, como já atrás ficou exposto. E muitos dos padres e dos irmãos estariam, certamente, convencidos de que sem esse auxílio, dada a insuficiência dos seus conhecimentos e as características das novas doenças, na maior parte das vezes desconhecidas, para as quais ensaiavam as suas mezinhas, não poderiam ter qualquer êxito.

Aliás, o simples esconjuro em doença psicótica ou neurótica era e continua a ser usado, no próprio Ocidente, com êxito de cuja autenticidade a

ANTROPOLOGIA CULTURAL

psicoterapia de grupo dos nossos dias e os estudos da Etnopsiquiatria, feitos em sociedades sem escrita não permitem duvidar.

Apesar de todas as proibições que no período maoista incluíam as práticas esconjuratórias no grupo das condenadas “Quatro Velharias”, a verdade é que muitas lograram manter-se até aos nossos dias, muito embora, a modernidade pareça tender a fazê-las

desaparecer do imaginário colectivo. Macau não foge à regra e muitos serão aqueles que continuarão a consultar homens e mulheres de virtude e a utilizar as suas rezas e os seus amuletos esconjuratórios, muito embora os antigos rituais exorcismáticos, tanto de eclesiásticos católicos como de budistas e tauistas, tenham perdido a sua espectacularidade e grande parte da sua antiga clientela. **RC**

NOTAS

- 1 *Ren*, a ideia fundamental do Confucionismo, é um termo de difícil tradução que tem sido interpretado em diferentes acepções pelos sinólogos do Ocidente. Segundo Anna Cheng, a tradução mais correcta deveria ser humanismo.
- 2 Cópias de sutras e outros textos budistas, *Tao De Jing* 道德经 a “bíblia” do Tauismo e *Yi Jing* 易经, o Livro Clássico das Mutações, entre outros.
- 3 Resultados do inquérito dirigido à população macaense de luso-descendentes, em 1991-92 (amostragem de 350 inquéritos num universo de c. 6 000 indivíduos).
- 4 Termo local de origem indiana que corresponde a “enfeitiçar, praticar bruxaria” (v. “Bagate” in Ana Maria Amaro, *Aquarelas de Macau (1960-1970): Cenas de Rua e Histórias de Vida*, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e Fundação Macau, 1998, pp. 87 e ss.
- 5 G. Conteneau, *La Magie chez des Assyriens et les Babyloniens*, cit. por Marguerite Rutten in *La Science des Chaldéens*, p. 59.
- 6 É de comparar esta concepção com o imaginário chinês no que se refere às batalhas lendárias que precederam a dinastia Zhou (1066-221 a.C.).
- 7 *Jesuitas na Ásia*, Manuscritos da Biblioteca da Ajuda, Cód. 49-V-7, fls. 99 e 176 e Cód. 49-V-2, fls. 381 a 475.
- 8 Jacques Le Goff, *A Civilização do Ocidente Medieval*, p. 79.
- 9 É de notar que os possessos eram, por vezes, comparados com os próprios feiticeiros.
- 10 *A Bíblia Sagrada*, tradução de João Ferreira de Almeida, Lisboa, Sociedade Bíblica, 1968, p. 47.
- 11 Referência à cruz que, traçada por Santo António numa parede da Sé de Lisboa para afastar o Demónio que lhe apareceu, tentador, teria ficado ali gravada na pedra.
- 12 Para mais pormenores consultar Ana Maria Amaro, “A queda da alma” e “Mal de Susto e Subissalto”.
- 13 Luís Gonzaga Gomes, “Superstições”, in *Chinesices*, p. 277.
- 14 A transcrição não apresenta sinogramas e a romanização é em cantonense. A tradução é de Luís Gonzaga Gomes.
- 15 Manuel Silva Mendes, *Colectânea de Artigos*, pp. 21-22.
- 16 W. F. Mayers, *Journal of the N. C. B. Royal Asiatic Society*, 1869-70, p. 78.
- 17 N. B. Dennys, *The folk-lore of China and its affinities with that of the Aryan and Semitic races*, cap. V.
- 18 Mss. da Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda, Cod. 49-V-61, 25/10.
- 19 *Ibidem*.
- 20 *Ibidem*.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- Amaro, Ana Maria – “A queda da alma”, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Universidade Nova de Lisboa, 1991 (Separata).
- “Mal de Susto e Subissalto”, in *Revista de Cultura*, n.º 10, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1990.
- Conteneau, G. – *La Magie chez des Assyriens et les Babyloniens*, cit. por Marguerite Rutten in *La Science des Chaldéens*. Paris: PUF, 1970.
- Dennys, N. B. – *The folk-lore of China and its affinities with that of the Aryan and Semitic races*. London: Trübner and Co. Hong Kong: China Mail Office, 1876, cap. V.
- Le Goff, Jacques – *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.
- Gomes, Luís Gonzaga – *Chinesices*, “Superstições”. Macau: Notícias de Macau, 1952.
- Jesuitas na Ásia*, Manuscritos da Biblioteca da Ajuda, Cod. 49-V-61 25/10, Cod. 49-V-2, fls. 381 a 475 e Cod. 49-V-7, fls. 99 e 176.
- Mayers, W. F. – *Journal of the N. C. B. Royal Asiatic Society*, 1869-70.
- Mendes, Manuel Silva – *Colectânea de Artigos*, Vol. II, Macau, Notícias de Macau, 1949.